

**Marcos Sociais da memória e a consolidação de grupos jornalísticos
independentes**

Victória Lôbo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: victoriaalobocosta@gmail.com

Elton Moreira Quadros
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: elton.quadros@uesb.edu.br

1036

Palavras-chave: Marcos Sociais. Memória coletiva. Jornalismo independente. Contra-hegemonia

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da imprensa, são registradas experiências jornalísticas contra-hegemônicas. Entretanto, com o meio digital e a facilidade da propagação de iniciativas, desde o início do século XXI, novos sites independentes surgiram. Esse crescimento, no entanto, aumentou a partir dos anos 2010, com o reforço das localidades como meios de identificação e criação de veículos que correspondem a essas identidades.

Dessa maneira, é possível observar que alguns marcos se repetem para a formação de grupos locais, que também se agrupam e se encontram devido ao interesse comum, que perpassa a difusão de conteúdos noticiosos aprofundados em suas localidades. Sejam periferias, bairros ou cidades que são consideradas desertos ou quase desertos de notícia, pela falta de uma cobertura jornalística especializada.

Para discorrer sobre marcos, utilizamos o livro *Los marcos sociales de la memoria* foi publicado em 1925 e traduzido para o Espanhol em 2004. Ao decorrer do texto, Halbwachs, influenciado pela concepção de Émile Durkheim de impessoalidade e coerção dos fatos sociais sobre os grupos, explica que a memória está intrincada em lugares, valores, instituições, imagens que são construídas a partir de marcos sociais e

Realização:



Apoio:



que esses marcos conservam memórias coletivas de variados grupos que interagem na realidade. É a primeira vez que ele cunhou o termo Memória Coletiva.

Esse termo se constitui na elaboração dos marcos sociais da memória. Ele é representado pela noção de tradição, que expressa uma ideia normativa da memória social e acaba por ser transmitida através dos hábitos coletivos. Dessa forma, pensar as questões relacionadas à rememoração e localização das lembranças, significa ter como ponto de partida os marcos sociais que constituem a memória.

METODOLOGIA

Este trabalho é uma revisão bibliográfica pensada a partir do livro Quadro Sociais da Memória, escrito por Maurice Halbwachs quando começou a delinear a ideia de que a memória é um fator social, mesmo quando nos referimos ao indivíduo. Uma localidade, um espaço, um outro indivíduo, família e até mesmo a classe social são fatores que fazem o indivíduo recordar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na relação referente ao indivíduo e ao grupo, Halbwachs explica que “se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo” (2006, p. 69). Isso se aplica na ideia de que não há uma abordagem unicamente individual e pura durante o processo de recordação.

Halbwachs (2006, p. 77) acredita que é na sociedade “onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nós representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo, cremos que provêm completamente de nossa memória.”

O marco social resiste ao tempo de tal forma que vira referência. Assim, de acordo com Halbwachs, “(...) não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. O espaço é uma realidade que dura.” (2006, p. 170). O lugar por si só

Realização:



Apoio:



não carrega a memória de um grupo. Ainda assim, “grupo nem gênero de atividade coletiva que não tenha nenhuma relação com o lugar” (HALBWACHS, 2006, p. 173).

O autor, em *Los marcos sociales de la memoria*, ainda afirma que “recordar é reconstruir o passado a partir dos marcos sociais existentes em seu grupo” (HALBWACHS, 2004, p. 371). Assim, a partir das ideias trazidas por Halbwachs, é possível inferir e pensar fenômenos inseridos no contexto atual, como a concepção de veículos jornalísticos independentes.

De acordo com Mariana Reis (2017, p.194 apud LIMA, 2010, p. 110), o jornalismo independente “é definido, em geral, por ser um jornalismo realizado sem vinculação econômica ou editorial a grandes grupos empresariais, na perspectiva de contraposição à mídia convencional”. Os sites independentes, conhecidos como nativos digitais, atuam “como um laboratório de jornalismo. Sem compromissos com ideologias e hierarquias, ele reinventa modos de narrar, de recepção e até mesmo o modo de se fazer jornalismo” (OLIVEIRA; STIPP, 2015, p. 14).

Porém, principalmente, é possível observar os reflexos dos marcadores territoriais nas dimensões de independência apresentadas pelas iniciativas jornalísticas consideradas independentes e que estão inclusas no Mapa da Mídia Independente, elaborado pela Agência Pública. Considerando a importância da especificidade regional, que também é um marcador do caráter noticioso de uma matéria para determinado público, o jornalismo independente busca se direcionar a pessoas em nichos específicos, seja através do local ou assuntos que se relacionam às vivências de grupo, como LGBTQIAP+, mulheres, povo negro, entre outros.

De acordo com Fonseca; Kuhn (2009, p. 5), “diante desse quadro de mudanças tão acentuadas, parece-nos pertinente e relevante atualizar a discussão acerca da identidade jornalística, bem como tentar traçar o perfil do profissional que hoje está à frente das principais redações”. Segundo os autores, o caráter de independência geralmente vem com expressões como ‘independente’, ‘alternativa’, ‘contra-hegemônica’, ‘lado B’, ‘livre’, ‘periféricas’ ou que se colocam como contraponto à mídia ‘tradicional’, e declaradas essencialmente como produtoras de jornalismo.

Realização:



Apoio:



A noção de independência está relacionada a projetos em plataformas digitais, que sejam uma iniciativa coletiva e sem vinculação com os tradicionais 'proprietários' dos veículos de comunicação. Essa última característica apontaria para outro elemento de independência, o financiamento, a partir da autossustentabilidade, "uma das marcas desta geração que está surgindo no jornalismo nacional" (PATRICIO; BATISTA, 2020, p. 221).

A partir das ideias de marcos sociais da memória, podemos identificar o trabalho e a construção coletiva do jornalismo independente como um contramarca implementado com o intuito de não reproduzir as ideias do jornalismo hegemônico e tradicional, instituído e firmado socialmente a partir de marcos sociais, como a religião, a família e a classe social.

1039

CONCLUSÕES

Nesse sentido, observa-se como os marcos sociais que traçam a constituição de grupos jornalísticos hegemônicos, hoje considerados conservadores, foram essenciais para a construção de coletivos independentes. Em contraponto à abrangência nacional, generalidade, noção de imparcialidade e às pautas que não têm o interesse público local como critério de noticiabilidade, esses novos jornais, agora nativos digitais, surgiram e se estabeleceram como referência para determinados grupos.

Assim, o que marca esses grupos independentes são as ideias em comum, que perpassam o lugar em que nasceram, uma experiência de vida, classe social a qual pertence e o critério de identificação. Esses também são marcos constitutivos de uma memória coletiva do jornalismo independente, com a construção de uma identidade e uma identificação entre si.

Lacerda (2016, p. 99) argumenta que "ao compor narrativas mais abrangentes sobre nós mesmos, povo brasileiro, o jornalismo digital independente se faz particularmente necessário diante da onda conservadora que atinge o Brasil." Esse movimento conservador é sustentado pela manutenção do status quo das classes econômicas dominantes e pela resistência em interagir com as classes emergentes.

Os nativos digitais, dessa forma, apesar de muitas vezes não serem constituídos em um espaço físico, se relacionam com a materialidade, principalmente, em relação à

Realização:



Apoio:



abordagem de matérias jornalísticas e aos porquês de iniciar e dar continuidade a uma mídia contra hegemônica que não depende do financiamento de governos e têm uma identidade consolidada com o seu público.

REFERÊNCIAS

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira; KUHN, Wesley Lopes. **Jornalista contemporâneo: Apontamentos para discutir a identidade profissional**. Intexto, 2: 57-69, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

HALBWACHS, Maurice. 1877-1945. **A memória coletiva**. tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Anthropos Editorial, 2004.

LACERDA, Daniela Maria de. **O jornalismo digital independente no Brasil e a busca da credibilidade perdida**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/21304>. Acesso em 25 mai. 2023.

OLIVEIRA, Andresa Caroline Lopes de; STIPP, Sílvia Brandão Cuenca. **Jornalismo Independente e novas narrativas: um olhar sob a série Amazônia Pública**. In: XX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2015, Uberlândia. Anais. Intercom, 2015. p.1-15. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-1257-1.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2023.

Patrício, Edgard; Batista, Raphaelle. (2020). Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente. **Revista Extraprensa**, 13(2), 217-231. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2020.153326>.

REIS, Mariana. **Comunicar, resistir: um olhar sobre as práticas discursivas em rede do jornalismo independente no Brasil**. Vozes&Diálogo. Itajaí, v. 16, n. 01, jan. /jun. 2017.

Realização:



Apoio:

